



A TRANSDISCIPLINARIDADE DA FAVELA CARIOCA E A LIBERTAÇÃO DA MEMÓRIA DO MORRO DO PASMADO

BIZARRIA, Júlio César de Lima

*Mestre em Memória Social, Programa de Pós Graduação em Memória Social,
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)*

ibizarria@hotmail.com

520

RESUMO

As favelas da cidade do Rio de Janeiro foram estabelecidas, como categoria analítica, como regiões materiais e simbólicas da cidade, a partir de um número de campos que, em precedência ao discurso acadêmico, associaram-nas ao crime, ao vício, à deficiência da raça e ao complexo de significados que encarnava, com os matizes de diferentes temporalidades, o pânico em torno das “classes perigosas”. Com a tardia contribuição das disciplinas acadêmicas, reconheceu-se às favelas uma complexidade que é atestada pela contínua presença do tema na esfera pública. Após o estudo da remoção e reassentamento dos habitantes da Favela do Pasmado, em 1964, foi possível entrever um sentido de instrumentalidade política e pedagógica na militância contemporânea das favelas. Sua ação prepara a defesa dos direitos das favelas no presente século com uma singular elaboração de elementos de experiência traumática, que o estudo buscou identificar como memória diáfana.

Palavras-chave: Favela. Remoção. Memória social.

ABSTRACT

In the city of Rio de Janeiro, favelas were established, as analytic categories, as material and symbolic regions of the city, from a number of fields which, preceding academic discourse, associated them to crime, vice, racial deficiency and to the complex of meanings which incarnated, with the shades of different temporalities, the panic concerning the “dangerous classes”. With a belated contribution from academic disciplines, favelas have been recognised for a complexity that is testified by their continued presence in the public sphere. After the study of the forced eviction and resettlement of the inhabitants of the Favela of Pasmado, in 1964, it was possible to envision a sense of pedagogical and political instrumentality in the contemporary favela militancy. Its action prepares the defence of favela rights in the new century with a singular elaboration of elements of traumatic experience, which the study sought to identify as diaphanous memory.

Keywords: Favela. Forced evictions. Social memory.



1. UM OBJETO TRANSDISCIPLINAR

As formas de habitação da população urbana pobre estiveram associadas, na cidade do Rio de Janeiro, desde o século XIX, a conjuntos de assentamentos denominados, primeiramente, cortiços. Sua delimitação conceitual e axiológica foi produzida no seio da elite imperial, auxiliada pelos discursos policial, eugenista e médico sanitário, e serviu para atribuir a seus habitantes o vício, o crime, a deficiência da raça e outras variações do discurso do pânico em torno das chamadas “classes perigosas” (CHALHOUB, 2001). Os cortiços estão intimamente relacionados à conformação específica da escravidão em fins do Segundo Reinado, quando senhores passavam a preferir preservar seus espaços residenciais e seus incipientes sentimentos de vida privada à presença diuturna de escravos, mandados viver pelos próprios meios onde conseguissem e obrigados, nos termos do odioso instituto, a remunerar diária ou semanalmente a senhores relativamente indiferentes à origem da remuneração.

As favelas cariocas, sucedâneas dos cortiços na posição de *alteridade urbana*, tomam seu nome a uma Favela em particular, surgida na região central da cidade do Rio de Janeiro a partir de um assentamento de soldados egressos da última campanha contra o arraial de Canudos, Bahia, em conhecida narrativa, dos albores do século XX, tomada como um “mito de origem” por Licia Valladares (2005, p. 29), em uma das mais exaustivas sínteses do conhecimento acadêmico a propósito das favelas cariocas¹. A transformação da Favela em um substantivo comum, que permitiria referir-se outros núcleos habitacionais na antiga sede do Distrito Federal, porém, teria de esperar, ainda, cerca de vinte anos, quando a imprensa escrita da capital, particularmente por meio da atividade do *Correio da Manhã*, permitiria falar de *favelas* na cidade do Rio de Janeiro (ABREU, *apud* VALLADARES, 2000, p. 7).

¹ Um objeto tão frequente e já tradicional das ciências sociais não pode ser revisto à exaustão na ocasião modesta de uma comunicação a este III Congresso Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades. É necessário, inobstante, indicar algumas referências que possam situar leitores, sobretudo aqueles oriundos de outros campos disciplinares, na discussão. Alguns dos trabalhos clássicos produzidos sobre as favelas cariocas incluem os textos da professora Licia do Prado Valladares, como sua tese de doutorado *Passa-se uma casa* (1978) e as sínteses e levantamentos bibliográficos que a autora passou a produzir após o ano 2000. Outros trabalhos da mesma estatura foram produzidos por pesquisadores estrangeiros como Janice Perlman (1977, 2010) e o casal de sociólogos Anthony e Elizabeth Leeds (1978). Um estudo clássico da autoria de José Artur Rios, Carlos Alberto de Medina e Hélio Modesto, redigido para a Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Contextos Sociais (SAGMACS, 1960) e publicado pelo *Estado de São Paulo* foi recentemente homenageado com uma coletânea de síntese (MELLO *et al.*, 2012). Outros importantes textos de síntese e divulgação, que se deslocam mais facilmente entre referências interdisciplinares, incluem trabalhos como a coletânea organizada por Alba Zaluar e Marcos Alvito (2006), ou o estudo monográfico de Maria Lais Pereira da Silva (2005).



Em fins dos anos 1920, como resultado de sua frequência na imprensa carioca, as favelas passam a receber a atenção da administração pública, que mobiliza conhecimentos acadêmicos de modo acessório e incipiente, sem que houvesse, ainda, contraponto ao conjunto de representações denigratórias e heteronômicas estabelecido desde o século anterior. Esse contradiscurso, ensaiado pelo assistencialismo cristão nos anos seguintes, mobilizou conhecimentos acadêmicos de modo igualmente ancilar. Com poucas exceções, foi apenas a partir dos anos 1970 que as favelas cariocas se tornaram um objeto frequente e próprio da pesquisa universitária em seus vários campos disciplinares. Licia Valladares identifica, com dados de 2004, treze grandes campos disciplinares em um universo de 385 publicações (VALLADARES, 2005, p. 144-145), das quais mais da metade provinham de especialistas em sociologia, antropologia ou arquitetura e urbanismo.

A maior concentração da produção nessas áreas, porém, pouco indica a respeito do que o estudo das favelas impõe ao percurso intelectual de seus pesquisadores ou sobre a natureza do objeto. Deveras, afirmar que as favelas cariocas consistem em um objeto transdisciplinar não equivale a propor que sejam o resultado do concurso de várias disciplinas, que seriam multi ou interdisciplinares a depender do grau de sinergia entre elas. A transdisciplinaridade das favelas cariocas significa, antes, que o objeto foi produzido como algo *estranho* a cada campo disciplinar, como decorrência imediata de seu contato, deslocando seus pesquisadores de suas práticas de pesquisa, como de suas próprias histórias de formação e hábitos profissionais. No magistério da professora Josaida Gondar, pode-se divisar o objeto transdisciplinar como aquele que [...]

[...] é criado como um novo objeto, de maneira transversal, quando problemas que até então eram próprios de um campo do saber atravessam seus limites e fecundam outros. [...] Nesse caso, a própria ordem disciplinar é posta em questão, surgindo um para além — indicado pelo prefixo *trans* — da divisão do saber entre disciplinas. Os novos objetos produzem deslocamentos nos jogos de saber e poder, desestabilizando as regras sobre as quais havia consenso e propondo novos discursos e práticas de pesquisa. (GONDAR, 2005, p. 14-15).

A proposta transdisciplinar, a despeito da simpatia deste Congresso, é objeto de reservas nos campos disciplinares tomados individualmente — Pierre Bourdieu escrevera páginas esclarecedoras dessa espécie de resistência (BOURDIEU, 1989, 2003). É notável, por exemplo, a escassez de publicações a propósito das favelas cariocas no âmbito da história social,



confessam-no os professores Paulo Knauss e Mário Sérgio Brum (2012). Com efeito, no silêncio dos historiadores, contrariamente às advertências de um Paul Veyne acerca do tal “improvisar-se historiador” (VEYNE, 1998, p. 180), pesquisadores de outros campos disciplinares suprimiram-lhes a falta, infletindo sobre as favelas enquanto objeto transversal e lançando-se em território que não pertenceria, *de fato*, a ninguém, mesmo que pertencesse *por direito* (GONDAR, 2005, p. 15)².

2. UM CASO PARADIGMÁTICO

O conjunto da bibliografia clássica sobre as favelas cariocas foi redigido como revérbero acadêmico de uma política sistemática de remoções de favelas da Zona Sul da cidade, concebida com o objetivo de confirmar a vocação turística daquela região e preparar o Rio de Janeiro para a celebração de seu quarto centenário. Parte de um processo mais amplo de migração das elites locais, a política de remoções tornou-se sistemática a partir do governo de Carlos Lacerda na cidade-Estado da Guanabara, entre 1960 e 1965. A partir da radicalização do movimento militar de 1964, a iniciativa foi reforçada por ímpeto federal, a ponto de o período entre 1967 e 1974 corresponder, nas palavras de Brum (2012), a uma “Era das Remoções”, o maior deslocamento populacional compulsório registrado na história da cidade.

O gesto inaugural da política de remoções do Governo de Carlos Lacerda precedeu, contudo, a insurreição militar. Em fins de janeiro de 1964, os escombros da pequena, mas vultosa favela do Morro do Pasmado, na porção meridional da Enseada de Botafogo, foram consignados a um incêndio controlado, operado pelo próprio Corpo de Bombeiros do Estado da Guanabara e alardeado pela Secretaria de Serviços Sociais como uma “operação de saneamento”. O incêndio foi mencionado pelos por Valladares — que chegou a afirmar como o episódio motivou-a no estudo das favelas cariocas (FREIRE; OLIVEIRA, 2008), por Janice Perlman (1977), por Marcelo Baumann Burgos, na coletânea *Um século de favela* (BURGOS, in ZALUAR; ALVITO, 2006), por Maria Lais Pereira da Silva (2005) e por Anthony e Elizabeth Leeds (1978) como um caso paradigmático por, ao menos, dois motivos: (1) a violência com que se processou e (2) o capital moral que o fato forneceu à militância favelada,

² Knauss e Brum, em sua crítica-confissão, apresentam alguns trabalhos do presente século que vêm corrigir a desproporção constatada por Licia Valladares e Lidia Medeiros (2003). Parece bastante provável que, fosse



que fundaria a Federação das Associações de Moradores de Favelas do Estado da Guanabara (FAFEG) no mesmo ano, e soergueria no recém instalado regime militar para realizar, ao longo de todo o mês de outubro, o I Congresso dos Favelados da Guanabara. Seria razoável acrescentar um terceiro motivo, (3) a grotesca atualização da distopia de Ray Bradbury e seus bombeiros incendiários³. Ademais esses autores, que apenas tangenciam sobre o incêndio da Favela do Pasmado, o professor Carlos Nelson Ferreira dos Santos, militante e pesquisador, descreveu-o, com ampla licença poética, nos seguintes termos:

Pouco antes da tentativa de remover Brás de Pina, os cariocas haviam assistido ao espetáculo de uma favela em chamas durante uma noite inteira. Era a do Pasmado, a primeira a ser removida e cujos barracos foram em seguida incendiados como símbolo de uma nova era que se pretendia inaugurar. Era prometida a extinção de todas as favelas do Rio, oferecendo-se aos seus moradores casas seguras, ‘modernas’ e... muito distantes dos lugares onde moravam antes, que, presumivelmente, seriam, quando desocupados, purificados pelo fogo. (SANTOS, 1981, p. 32).

A despeito dessas menções tão frequentes, persistia a dificuldade de se encontrar um trabalho que considerasse o episódio com maior detença, e a exploração preliminar tomou a forma de uma dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (BIZARRIA, 2014). Na seleção das fontes mais adequadas para o estudo foi possível encontrar uma outra passagem, de redação tão curiosa quanto o trecho de Ferreira dos Santos. Tratava-se de uma matéria do extinto *Correio da Manhã*, que aos vinte e nove dias de janeiro de 1964, na capa do segundo caderno de uma edição de quarta-feira, noticiava o incêndio do Pasmado:

Do morro só restam cinzas e a escada íngreme, desconjuntada, apontando para o alto. Não podia ser diferente... não podia ser diferente. Que em Bangu e redondezas surjam aglomerações decentes. Que venham abaixo, em cinzas, todas as favelas. Nem por isso a saudade é menor. Nem por isso as lágrimas deixarão de correr, numa tentativa infrutífera de apagar a fogueira. Uma fogueira que iluminou a noite de Botafogo no Morro do Pasmado. (CORREIO DA MANHÃ, 29/01/1964).

realizado um levantamento temático bibliográfico posterior ao ano 2000, a história social e os programas de estudos interdisciplinares figurariam em maior proporção.

³ Publicado originalmente em 1953, o romance Fahrenheit 451 narra os dilemas íntimos e a posterior deserção do bombeiro Guy Montag, num futuro distópico no qual, por iniciativa de um governo totalitário, a escrita fora suprimida e os livros proibidos, cabendo à corporação encontrar e incinerar os tomos teimosamente preservados por uma resistência civil, assim como justicar os culpados por sua conduta supostamente subversiva e antissocial. Oskar Werner viveu o agente Montag na adaptação fílmica de François Truffaut, em 1966.



As singularidades redacionais, estilísticas e políticas avolumavam-se à medida em que eram consultadas diversas edições do *Correio da Manhã* desde fins dos anos 1920, e sua exegese passou a requerer o cotejo de outros diários da Guanabara que se referissem ao Morro do Pasmado — mormente o também singular *Diário Carioca* e *O Dia*, o único que não foi extinto durante o último regime militar — e à sua favela, tornando-se tão importante quanto a proposta original, de se observar as transformações na cultura política da militância favelada a partir do episódio. Verificou-se que o *Correio da Manhã*, com relação a outros diários da imprensa carioca, possuía uma relação privilegiada com o mercado imobiliário, a que pertencia a maior parte de seus anunciantes, ao menos a partir dos anos 1940. Seus leitores, afeitos aos bens superiores — materiais e simbólicos — que frequentavam o diário, esperavam encontrar em suas páginas certos valores da chamada alta cultura: as colunas de Carlos Drummond de Andrade (assinado C.D.A., apenas para os íntimos de sua obra), os extensos suplementos literários, a arquitetura de vanguarda e a confirmação da cidade como cartão postal.

Os outros dois diários considerados opunham-se, na abordagem do Morro do Pasmado, em particular, e das remoções de favelas em sentido mais amplo, de modo quase típico. *O Dia* apresentava a remoção como o gesto enérgico, mas, no fundo, benevolente, de uma administração que buscava redimir a população das favelas de sua marginalidade. No *Diário Carioca*, que nos dois últimos anos de sua existência virava vertiginosamente à esquerda, o destino da população do Pasmado e o programa de remoções foi objeto de extensas diatribes, particularmente congruentes com o que a literatura acadêmica constatava: as famílias, longe de receberem gratuitamente uma “casa própria”, eram inscritas como mutuários do sistema financeiro de habitação, e raramente conseguiam honrar os pagamentos; as unidades eram entregues sem acabamento, e as ruas, sem luz elétrica. Em tempos nos quais o custo do transporte cabia integralmente aos empregados, a maior parte das famílias perdeu qualquer modo de emprego formal ou informal. Ainda, a dissolução das famílias, o abandono das unidades e sua substituição por famílias invasoras tornou-se frequente.

Essa dispersão das famílias reassentadas tornou inviável, no tempo previsto para a realização da pesquisa, a busca por depoentes vivos, que houvessem experimentado a remoção, ou por seus descendentes. Foi possível, contudo, acompanhar as transformações da militância favelada desde o momento em que, com a radicalização do movimento militar, a resistência frontal e organizada à política de remoções tornou-se impraticável. Em fins de 1967 a diretoria



fundadora da FAFEG foi presa e a organização proscrita até 1973, quando uma diretoria menos combativa passaria a aceitar as remoções como um fato consumado.

O percurso da militância das favelas após a reorganização de sua Federação sugeriu sua cooptação por políticos profissionais ligados ao Movimento Democrático Brasileiro na Guanabara (TRINDADE, 2000). A tese da cooptação parecia interessante, mas o processo que a produziu, a partir de uma militância tão combativa em torno do desejo de permanecer, permitiu a formulação de uma outra hipótese.

Alfred Donat Agache, o sociólogo e urbanista francês que elaborou o primeiro plano urbanístico para a cidade do Rio de Janeiro, entregue nos últimos meses da presidência de Washington Luís, observara que o favelado era “uma figura meio nômade”, mas que deveria ser considerada funcionalmente para a expansão da cidade (AGACHE, 1930, p. 20). O termo, de enunciação quase ingênua, reverbera na obra coletiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari e em sua apropriação do pensamento de Arnold Toynbee — para quem o nômade apresentava-se como a “alteridade fundamental da história humana” (KERSLAKE, 2008, p. 21). Deleuze e Guattari, em certo ponto de seu conhecido “tratado de nomadologia”, propuseram um conceito singular de nomadismo, que o separava radicalmente das outras formas de migração e transumância, definindo-se a partir da *resistência ao movimento*:

Enquanto o migrante abandona um meio tornado amorfo ou ingrato, o nômade é aquele que não parte, não quer partir, que se agarra a esse espaço liso onde a floresta recua, onde a estepe e o deserto crescem, e inventa o nomadismo como resposta a esse desafio. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 5, p. 52).

A formulação original sobre os nômades é ainda mais esclarecedora, sobretudo se for lícito acrescentar ao Ártico e aos biomas relacionados as encostas dos morros cariocas:

Os nômades enfrentaram o desafio da estepe, um elemento da natureza física não menos exigente que as neves do Ártico ou as florestas tropicais. Com efeito, a estepe é muito mais semelhante a outro elemento extremamente inóspito, o mar, do que a qualquer outro domínio terrestre. A superfície da estepe e a superfície oceânica têm isso em comum, apenas são acessíveis ao homem como peregrino ou passageiro. Nenhuma das duas oferece, à exceção das ilhas e dos oásis, um local onde se possa descansar, permanecer e adotar uma existência sedentária. (TOYNBEE, 1972, p. 133. Tradução nossa.).

Isso foi suficiente para estabelecer que algo diferente se passava com a cultura política da militância das favelas nos anos 1970, e que a observação longínqua de Agache fora mais que



um acidente estilístico. O que esse nomadismo possuía de singular era o fato de que o nômade carioca o inventou como resposta, também, a um conjunto de significados sedimentados, de modo heteronômico e denigratório, “de fora e de cima”, nas palavras de Loïc Wacquant (2008, p. 48), e consolidado desde os cortiços da corte imperial, segundo Chalhoub (2001) e Valladares (2005), desde os quilombos da época colonial, segundo Andreino Campos (2010). A virulência e a exterioridade dessas representações permitiram qualificar a principal transformação da cultura política das favelas como um *nomadismo de maldição*, enquanto, em paráfrase a Christian Kerslake (2008), foi possível considerar retrospectivamente a *alteridade fundamental da urbe carioca* (BIZARRIA, 2014, p. 78).

Enquanto traço de cultura política, o nomadismo de maldição teria, primeiramente, exigido aos habitantes da favela o desenvolvimento de um alheamento deliberado da política em nível nacional, concomitante a uma sensibilidade extraordinária à política em nível local. Distanciar-se do debate nacional e do enfrentamento à política de remoções federalizada garantiria aos moradores das favelas não serem caracterizados como “comunistas” ou “subversivos”. A percepção mais apurada da política local, por outro lado, permitiria estimar com maior sucesso as possibilidades de o terreno ocupado ser ou não atingido pelas operações de remoção. Há um traço de cinismo profundo no exercício dessa sensibilidade, que seria percebido já por Carlos Medina durante a redação do estudo da SAGMACS, em palavras que repetiria como suas pouco depois:

Muitas vezes, todos os interessados, o político, o cabo eleitoral e o eleitor se tornam cúmplices de uma mesma simulação. O eleitor diz que vai votar, mas não vota. O cabo eleitoral finge que acredita, mas não acredita. O candidato, pelo menos antes da eleição, embora já informado pelo cabo eleitoral, continua afirmando que conta com o apoio de todos. A simulação é mais intensa entre o eleitor e o cabo eleitoral, dadas as relações pessoais e vicinais que, muitas vezes, mantêm. (SAGMACS, 1960b, p. 27-28; MEDINA, 1964, p. 68).

Após a sucessão do último presidente militar e a conseqüente reorganização das instituições políticas do país, a sensibilidade à política local e a reticência diante do Estado parecem a característica mais duradoura do nomadismo de maldição, segundo recomendam a maior pluralidade partidária da Sexta República e o fenômeno da ocupação de favelas por paramilitares, narcotraficantes e/ou policiais militares. A hipótese, que parece bem mais interessante que redução da militância das favelas a massa de manobra do MDB carioca,



ofereceu certo alento em uma etapa da pesquisa na qual o fio que conduzia o episódio do Morro do Pasmado à militância contemporânea parecia perdido. A imprensa carioca, vergada a um processo de concentração típico de experiências antidemocráticas (BARBOSA, 2007), tornava-se cada vez menos viável como fonte de pesquisa.

3. UMA MEMÓRIA DIÁFANA

A militância contemporânea das favelas cariocas, aproveitando a um contexto institucional e jurídico minimamente favorável à sua capacidade propositiva, organiza-se de modo bem diverso ao de outrora. A atual militância, longe de ser um “movimento favelado esfacelado” (SOUSA, 2003, p. 65), uma hipótese condescendente, articula-se segundo as características da cultura associativa de seu tempo: as grandes federações de igualmente grande abrangência são eclipsadas por uma constelação de atores políticos mais discretos e associações de âmbito local. Paralelamente à FAFERJ, organizações como a Rede de Memória da Maré, a Central Única das Favelas (CUFA), a escola de teatro e cinema Nós do Morro, o coletivo Favelarte e o Grupo Cultural AfroReggae, para mencionar apenas algumas, vão na direção contrária dos processos de cerceamento e cooptação que o crime organizado desenvolve nas organizações de moradores que consegue capturar. Essas organizações, no novo século, realizam intensos e variados investimentos sobre a memória, de modo que

[...] se é possível falar de um processo de apropriação, pelas favelas, do seu direito à memória, bem como à produção de sua própria representação, de suas identidades, por outro lado, os recursos necessários para tanto não são nelas equanimemente distribuídos. Nem todos nas favelas dispõem dos recursos e das competências necessários à produção de uma palavra pública sobre as favelas. Além disso, nem todas as falas sobre as favelas provenientes das próprias favelas são reconhecidas como legítimas. O monopólio da palavra autorizada sobre e pelas favelas é objeto de disputa nas favelas e fora delas. (GRYNSZPAN; PANDOLFI, 2007. p. 86).

A pluralidade e as assimetrias entre os postulantes à “palavra autorizada” sobre as favelas possuem em si mesmas uma riqueza passível de dezenas de novos estudos e empenhos exegéticos. No que diz respeito à produção memorialística recente, porém, é necessário visitar a ideia de que a memória pode possuir, a contrário do lamento de Pierre Nora (1993), um papel



produtivo⁴. Dedicando-se à produção de memórias do labor, da solidariedade dos mutirões ou da luta contra as remoções, os militantes podem ser percebidos como autênticos empreendedores morais (BECKER, *apud* JELIN, 2002, p. 48), capazes de postular politicamente por si próprios e poupados à condescendência do silêncio subalterno (SPIVAK, 2010). Esse imperativo é tanto mais ingente quanto o paradigma do “urbanismo empreendedor”, em um contexto no qual a cidade do Rio de Janeiro volta a ser tentada pela realização de eventos internacionais de grande porte, promove uma renovação do discurso a favor das remoções de favelas. Após a primeira década deste século, e mais que em qualquer período após o fim das presidências militares, é lícito afirmar que

[...]as remoções não desaparecem completamente: é como se a alternativa hibernasse, reduzida a iniciativas tópicas dentro de programas mais amplos, que a apresentam de forma “democratizada”, com sua defesa cada vez mais envolvida em justificativas técnicas e medidas para reduzir seu impacto negativo sobre os moradores envolvidos. (SILVA, 2002, p. 231)⁵.

Encontrar o episódio do Morro do Pasmado em meio à produção memorialística da militância contemporânea das favelas requereu um intenso contato os militantes e suas obras. Em um conjunto de duas dúzias de elementos audiovisuais pôde-se recolher apenas uma menção explícita à favela do Morro do Pasmado, aparecida no documentário *Remoção* (PILAR, QUACK, 2013), realizado pelos membros dirigentes da CUFA. Em toda a literatura e em todos os elementos de cultura memorial que a pesquisa pôde cotejar; em todas as conversas exploratórias entretidas com militantes, moradores, professores e pesquisadores, o caso da remoção da favela do Morro do Pasmado pareceu ofuscado pela lembrança do incêndio da favela da Praia do Pinto, no bairro do Leblon, um incêndio criminoso, cujos responsáveis permanecem incógnitos, e que consumiu rapidamente a antiga favela dos pracinhas, sucedida, no tecido urbano, pelo condomínio apelidado “Selva de Pedra”, na gíria local. O ofuscamento

⁴ O texto Antônio Carlos Pinto Vieira (2007), acerca da incorporação dessa produção memorialística ao campo museológico, embora responda diretamente à formulação original dos “lugares de memória”, permite-se a uma leitura do papel produtivo da memória para além desse debate. Seria possível dizer da memória o que diria Deleuze sobre o inconsciente: mais uma usina do que um teatro (DELEUZE, 2003, p. 17). Ainda sobre o tema da ressurgência da memória, é pertinente observar as considerações de Michel Pollak sobre as “memórias subterrâneas” e sua enunciação em “momentos de redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 1989, p. 5).

⁵ A forma “democratizada” das remoções é tanto mais insidiosa quanto se pretenda estar a serviço da própria população das favelas, como no caso do discurso em torno da preservação do meio-ambiente, ou da preservação dos moradores às áreas de risco geoclimatológico. Sobre o último argumento, reporte-se o leitor ao texto de Rose Compans (2007).



— frustrante à primeira mirada — mostrou não ser o mesmo que um esquecimento: havia, no discurso dos militantes, uma convicção vaga e difusa da experiência passada e/ou da possibilidade futura de grandes incêndios. A chave necessária para a resolução desse paradoxo, ironicamente, apareceu na ficção de Bernardo Verbitsky, que, nos anos 1950, iniciava seu romance-denúncia sobre as *villas miseria* da região metropolitana de Buenos Aires com um parágrafo esclarecedor:

A recordação terrível da Vila Lixeira, deliberadamente incendiada para expulsar com o fogo sua indefesa vizinhança, era um temor sempre arraigado no coração dos habitantes da Vila Miséria. A notícia daquela grande operação, marcada pela crueldade, não publicada por nenhum jornal, correu, inobstante, como um busca-pé maligno. E em todos os bairros de lata, que formam crostas na pele da Grande Buenos Aires, souberam, desde então, que, a qualquer momento, poderiam ser postos a correr de seus barracos como ratos. (VERBITSKY, 1966, p. 9. Tradução nossa).

As palavras de Verbitsky permitiram uma hipótese singular: para os militantes das favelas bastaria a convicção de que poderiam, a qualquer momento, serem postos a correr de suas casas, consignados à chama colérica da exclusão e do desabrigo. A memória anexata, talvez jamais transmitida diretamente, possuía afinal uma instrumentalidade política e pedagógica, uma exemplaridade (TODOROV, 2004) que poderia ser evocada a despeito de sua não enunciação, ou de sua enunciação criativa ou transversa, como no dizer: “houve, *in illo tempore*, grandes incêndios; poderá haver outros, vigiai!” A essa memória vaga, translúcida, ousou-se chamar *memória diáfana*, uma jovem e rude categoria — deveria dizer-se “tentativa”, uma confluência da reminiscência “tal como relampeja num momento de perigo”, escrevia Walter Benjamin (1994, p. 224) e que equivale à libertação da memória do incêndio da Favela do Morro do Pasmado da suposição ingênua, longínqua, de que ele seria esquecido se nunca fosse enunciado.

REFERÊNCIAS

A FOGUEIRA de Botafogo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1964. Segundo Caderno, p. 1.

AGACHE, Donat Alfred (Org.). *Cidade do Rio de Janeiro: extensão, remodelação e embelezamento*. Paris: Foyer Brésilien, 1930.

AUGÉ, Marc. *Les formes de l'oubli*. Paris: Payot & Rivages, 2001.



BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

BIZARRIA, Júlio César de Lima. *O Morro do Pasmado e o nomadismo de maldição: da distopia atualizada à memória diáfana*. Rio de Janeiro, 2014, 158p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução de Denise Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. New York: Simon & Schuster, 2011.

BRUM, Mário Sérgio. Ditadura civil-militar e favelas: estigma e restrições ao debate sobre a cidade (1969-1973). *Cadernos metrópole*. v. 11, n. 22. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, 2012. p. 357-380.

_____. Favelas e remocionismo ontem e hoje: da ditadura de 1964 aos grandes eventos. *O social em questão*. v. 16, n. 29. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2013. p. 179-208.

CAMPOS, Andreilino. *Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro*. 3º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CHAGAS, Mário de Souza; ABREU, Regina. Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social; VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. Maré: casa e museu, lugar de memória. *Musas* — revista brasileira de museus e museologia. n. 3, 2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2007. p. 130-160.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

COMPANS, Rose. A cidade contra a favela: a nova ameaça ambiental. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. V. 9, n. 1. Maio de 2007. Recife: Associação Nacional de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, 2007. p. 83-99. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/172/156>>. Acesso e descarga em: 28 fev. 2014.

DELEUZE, Gilles. Schizophrénie et société. In: *Deux régimes de fous: textes et entretiens: 1975-1995*. Paris: Minuit, 2003. p. 17-28.



_____; GUATTARI, Félix. *Capitalismo e esquizofrenia: mil platôs*. Tradução de Peter Pál Pelbart, Suely Rolnik, Janice Caiafa *et al.* São Paulo: Editora 34, 1995-1997. 5 v.

FAHRENHEIT 451. Direção: François Truffaut. Produção: Lewis M. Allen. Intérpretes: Oskar Werner, Julie Christie, Cyril Cusack e outros. Roteiro: François Truffaut e Helen Scott. França; Reino Unido: Anglo-Enterprise Vineyard Film; Universal, 1966. 1 Disco óptico compacto de vídeo digital, DVD (112min). Letterbox 4:3, colorido. Distribuído por: Image Entertainment, 1998. Baseado no romance *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury.

FREIRE, A.; OLIVEIRA, L. L. (Org.). *Novas memórias do urbanismo carioca: depoimentos ao centro de pesquisa e documentação em história contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV)*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. *O que é memória social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.

GRYNSZPAN, Mario; PANDOLFI, Dulce Chaves. Memórias de favelas, em favelas: favelas do Rio de Janeiro e direito à memória. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Direito e cidadania: memória, política e cultura*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2007. p. 65-92.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2002.

KERSLAKE, Christian. Becoming against history: Deleuze, Toynbee and vitalist historiography. *Parrhesia: a journal of critical philosophy*. n. 4. London: Open Humanities Project, 2008. Disponível em: <http://www.parrhesiajournal.org/parrhesia04/parrhesia04_kerslake.pdf>. Acesso e descarga em: dez. de 2013.

KNAUSS, Paulo; BRUM, Mario Sérgio. Encontro marcado: a favela como objeto da pesquisa histórica. In: MELLO, Marco Antônio da Silva *et al.* (Org.). *Favelas cariocas: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p.121-140.

LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Tradução de Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

MEDINA, Carlos Alberto de. *A favela e o demagogo*. São Paulo: Martins, 1964.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Revista do programa de estudos pós-graduados em história*. dez. 1993. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. p. 17-62.

PERLMAN, Janice Elaine. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Tradução de Waldívia Marchiori Portinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Favela: four decades of living on the edge in Rio de Janeiro*. New York: Oxford University Press, 2010



POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REMOÇÃO. Direção. E produção: Luiz Antônio Pilar e Anderson Quack. Brasil: Central Única das Favelas, 2013. Sem lançamento. (85min).

RIOS, José Artur. Aspectos humanos da favela carioca —50 anos: uma avaliação;
VALLADARES, Licia do Prado. A descoberta do trabalho de campo em ‘Aspectos humanos da favela carioca’; KNAUSS, Paulo; BRUM, Mario Sérgio. Encontro marcado: a favela como objeto da pesquisa histórica; AMOROSO, Mauro. Duas faces da mesma fotografia: atraso versus progresso na cobertura fotojornalística de favelas do *Correio da manhã*. In: MELLO, Marco Antônio da Silva *et al.* (Org.). *Favelas cariocas: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 35-50; 65-100; 121-140; 191-212.

SILVA, Maria Lais. P. da. *Favelas cariocas, 1930-1964*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. A continuidade do “problema da favela”; PANDOLFI, Dulce e GRZYNSZPAN, Mario. Poder público e favelas: uma relação delicada. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 220-237; 238-255.

SOCIEDADE DE ANÁLISES GRÁFICAS E MECANOGRÁFICAS APLICADAS AOS CONTEXTOS SOCIAIS — SAGMACS (1960). Aspectos humanos da favela carioca. *O Estado de São Paulo*: parte geral. Suplemento especial. 13 de abril (40 p.).

_____. Aspectos humanos da favela carioca. *O Estado de São Paulo*: parte específica. Suplemento especial. 15 de abr. 1960. (48 p.).

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida *et al.* Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SOUSA, José Nilton de. A exclusão pela urbanização da favela: governo e conflito na cidade do Rio de Janeiro. *GEOgraphia*. Ano V, n. 10. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2003. p. 45-77.

TODOROV, Tzvetan. *Les abus de la mémoire*. Paris: Arléa, 2004.

TOYNBEE, Arnold J. *A study of history*. London: Oxford University Press, 1972. (edição ilustrada em volume único).

TRINDADE, Adriana de Albuquerque. *O estilo político da bica d’água: o chaguismo na Guanabara, 1969-1974*. Rio de Janeiro: Centro de pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, 2000.

VALLADARES, Licia do Prado. *Passa-se uma casa: análise do programa de remoções de favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.



_____. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. *Revista brasileira de ciências sociais*. v. 15 n. 44. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2000. p. 5-34.

_____. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2005.

_____; MEDEIROS, Lidia. *Pensando as favelas do Rio de Janeiro: uma bibliografia analítica (1906-2000)*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, URBANDATA, UCAM, FAPERJ, 2003.

VERBITSKY, Bernardo. *Villa miseria también es America*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1966.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WACQUANT, Loïc. *Urban outcasts: a comparative sociology of advanced marginality*. Cambridge (Reino Unido): Polity, 2008.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 7-24; 25-60; 61-114; 181-208; 209-232; 233-276.